

EXPERIÊNCIA, NARRATIVA, HISTÓRIA. PERCURSO PELA OBRA DE WALTER BENJAMIN

Ulysses Barros Papageorgiou¹

RESUMO: Através de uma leitura comparada entre Dostoiévski e Leskov evidencia-se a compreensão estética e política de Walter Benjamin, cujo pensamento se encontra pungente em aspectos da contemporaneidade, tal como o fenômeno poético do Slam.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa. Experiência. Slam.

Experience, narrative, history.

Path through the work of Walter Benjamin

ABSTRACT: Through a comparative reading between Dostoevsky and Leskov, the aesthetic and political understanding of Walter Benjamin is evidenced, whose thought is poignant in aspects of contemporaneity, such as the poetic phenomenon of Slam.

KEYWORDS: Narrative. Experience. Slam.



¹ Graduando em Filosofia (bacharelado) pela PUC-SP.

INTRODUÇÃO

A forma como Walter Benjamin trata diversas temáticas possibilita leitura comparativa produções literárias, de modo que a escolha dos textos analisados se dá por predileção, contudo embasada o exercício crédito do filósofo. Partindo de suas reflexões sobre a obra de Leskov, no texto intitulado “O Narrador”, em comparação com a literatura de Dostoiévski, ocorrem desdobramentos acerca de outros escritos do Benjamin.

DO NARRADOR E DE OUTRAS QUESTÕES

Por ambos os escritores, Dostoiévski e Leskov, possuírem como cenário de suas obras a cidade de Petersburgo, e por se situarem em um tempo histórico similar, é possível fazer uma leitura comparada de suas obras. Leskov é, na análise de Walter Benjamin, um exemplo de narrador (habilidade que, segundo o filósofo, tende a extinguir-se²). O contraponto à literatura de Dostoiévski se dá justamente nesta questão, o mesmo não conta propriamente histórias, seus romances são demarcados pela constituição psicológica das personagens, deixando a narrativa dos fatos como pano de fundo. Como exemplo a obra Crime e Castigo, cuja narrativa se encerra perante a experiência de Raskolnikov à prisão no Gulag, trocando, como informa o romance, a dialética pela vida³ (a forma como Dostoiévski encerra a narrativa, justamente advertindo ao leitor a mudança considerável na constituição psicológica do protagonista, torna evidente uma constante do romance: as ações estão em segundo plano e são sobrepostas pelo diálogo

² “É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 2012a, p. 123).

³ “A dialética dera lugar à vida, e na consciência devia elaborar-se algo inteiramente diferente” (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 559).

interno de Raskolnikov)⁴. Ou seja, a história se encerra no momento em que haveria um elevado potencial narrativo oriundo da experiência, pois o próprio Dostoiévski foi detido por oito meses e cumpriu pena na Sibéria (a narrativa não seria pertinente ao relato, como aponta o autor ao final do romance). Já as narrativas de Leskov se atém às descrições dos fatos, das ações em curso das personagens, distantes desta forma das construções comuns aos romances de seu conterrâneo. Sendo o fato que os aproxima, além do idioma e do tempo histórico, a cidade de Petersburgo; o que os distancia é justamente a experiência de vida. Leskov, devido a questões profissionais, efetuou diversas viagens realizando alguns estudos etnográficos; já Dostoiévski, cuja vida não se restringiu apenas a Petersburgo, não possui em nenhum momento de sua biografia atribuição que o fizesse se deslocar com demasiada frequência. Portanto, na disposição de suas obras, ambos autores se tornam distintos justamente devido a experiências efetivas ou ausentes. O que mais os aproxima também é marcação da distância, o exercício da literatura em análise comparativa.

Como a experiência, já na época de Walter Benjamin e por ele percebido, encontra-se em extinção, ocorrem desdobramentos contemporâneos de tal fenômeno. A virtualidade como simulacro a experiências, uma experiência de choque pelo dinamismo⁵ que a virtualidade impõe, ou seja, a experiência enquanto tempo vivido é reduzida no uso da tecnologia que se propõe enquanto prótese às vivências mais corriqueiras, quando não de uma gama maior de experiências possíveis, tais como os encontros e as viagens. A dinâmica da vida urbana, bem como a projeção dos espaços públicos, destitui a possibilidade dos encontros cujo motivo seja o

⁴ “Mas aqui já começa outra história, a história da renovação gradual de um homem, a história do seu paulatino renascimento, da passagem progressiva de um mundo a outro, do conhecimento de uma realidade nova até então totalmente desconhecida. Isto poderia ser o tema de um novo relato – mas este está concluído” (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 561).

⁵ Dinamismo este que impõe intensidade ao tempo vivido, a experiência de choque a que Benjamin se refere e, por outro lado corresponde a uma cisão de tal tempo vivido (entre a realidade espaço-temporal e a virtualidade que, por sua vez, apenas simula o real).



próprio encontro. A presença ocorre mais pela função na qual se insere do que por si. Não é de se espantar que, de forma crescente, a sociedade tornasse excludente à terceira idade, pois não convém o tempo de uma narrativa que se desprenda da urgência, que se dê como resultado da experiência. À contramão da convivência, a virtualidade demanda urgência e a impõe, empurrando às margens sociais quem não acompanha tal demanda. Mesmo que a experiência da velhice encontre um modo rápido de transmissão também é descartada por não lograr êxito maior do que a pluralidade instantânea do virtual (uma antítese à experiência, visto que esta demanda tempo, tanto para o acúmulo necessário à maturação quanto para a transmissão). Sobre as duas condições de experiência Walter Benjamin (2012a, p. 123) elucida:

Sabia-se também exatamente o que era experiência: ela sempre fora comunicada pelos mais velhos aos mais jovens. De forma concisa, pela autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com sua loquacidade, em histórias; às vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a filhos e netos. – Que foi feito com tudo isso?

O momento no qual se permitia a transmissão da experiência foi, aos poucos, sendo suprimido por diversas formas de tecnologia ligadas à comunicação. Primeiro o rádio passou difundir em larga escala o discurso a ser ouvido; posteriormente a televisão, cuja fusão de imagem e som prenderam a atenção completa dos indivíduos, passando a reger o centro estético e espacial da maioria dos lares; e atualmente os celulares, pequenas televisões privadas e interativas, cujo falso domínio sobre o conteúdo acessado representa somente a gigantesca distância entre pessoas no mesmo ambiente, uma espécie de isolamento em convívio. Contudo, quanto

mais carente um indivíduo, ou grupo social, menor a possibilidade da virtualidade, pois é menor a possibilidade de acesso das tecnologias necessárias à mesma. De tal carência tecnológica se deriva, amparada na reflexão Benjamin acerca do desenvolvimento da reprodutividade técnica como causa da pobreza em experiência⁶, que na pobreza material se encontra a preservação da própria experiência. A pobreza material convoca os indivíduos para experiência coletiva, pela utilização conjunta dos recursos, como cozinhas coletivas em comunidades carentes. Desta forma, o intercâmbio de experiências pelas narrativas de uns para ou outros perdura justamente pelo convívio necessário e fundamental à manutenção da vida. À questão da virtualidade, contraposta aos locais em que resiste o contar histórias, não são isentas das evidências de extinção da experiência, pois antecedendo a questão da virtualidade há o poder do capital em destituir a possibilidade de vida distinta ao consumo de tais tecnologias⁷, as quais são contrárias à experiência. Em suma, vivemos em um tempo no qual se arrastam os últimos suspiros de experiência, bem como se arrastam em busca de recursos vitais aqueles que pela ordem do capital são reduzidos à miséria material.

Dois tipos de figuras históricas constituem os narradores que, na perspectiva de Walter Benjamin, intercambiaram experiências pela condição do ofício. A primeira seria o trabalhador sedentário, que na figura do mestre artífice da Idade Média trabalhava ao lado de artífices viajantes (a segunda), e desta forma ocorria o intercâmbio de experiências. O modo de produção do capitalismo tende a isolar os trabalhadores sedentários (os quais, em novos moldes, tendem a um sedentarismo que os priva de uma localidade



⁶ “Uma forma completamente nova de miséria recaiu sobre os homens com esse monstruoso desenvolvimento da técnica” (BENJAMIN, 2012b, p. 124).

⁷ As novas modalidades de trabalho, de sobrevivência dentro do sistema capitalista, demandam ao trabalhador a utilização e constante aquisição de recursos tecnológicos que não cessam, no fazer laboral, de constante atualização e troca por versões mais recentes, como no caso dos celulares.

profissional diferente da própria residência, ou os incita ao trânsito com atividade laboral de pouca ou nenhuma interação); e dinamiza o exercício da atividade profissional dos trabalhadores viajantes ao ponto de suprimir, na velocidade em que se dão as viagens, a possibilidade de experiência⁸. Então, se ambos os ofícios incorporavam as narrativas do passado e as narrativas do exterior, essa incorporação não mais acontece devido ao modo como se dão as relações trabalhistas, bem como o modo de realização do trabalho. Deste ponto de vista é possível destacar a forte tradição oral da troca de experiências que, mesmo com o desenvolvimento da escrita, perdurou em diversas sociedades. A escrita, por si, é resultante de tal tradição, por esta razão há diversas marcações na mesma provenientes de elementos da oralidade como tentativas de preservação do conteúdo e das formas da narrativa. A derivação de elementos do canto na escrita (tais como a métrica, o ritmo e a rima) talvez seja o mais forte indício da preservação do modo de narrar da oralidade. Não é de se estranhar que com o avanço dos meios de produção gráficos o gênero literário de maior adesão popular não corresponda nem à tradição oral, nem ao intercâmbio de experiências, sendo este o romance.

A pergunta se faz eminente: se a experiência está em vias de extinção, o que mais se encontra em tal estágio? Walter Benjamin responde a tal colocação afirmando que tal sintoma resultante das forças produtivas é a extinção da sabedoria enquanto verdade épica⁹. Não é à toa que a poesia épica vai perdendo lugar ao romance. Contudo, tal extinção se arrasta, tendo em vista o surgimento de alguns poemas que mantém resquícios de tal

⁸ “No sistema corporativo associava-se o conhecimento de terras distantes, trazido para casa pelo homem viajado, ao conhecimento do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário” (BENJAMIN, 2012a, p. 215).

⁹ “A arte de narrar aproxima-se do seu fim porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Mas este processo vem de longe. (...) Ele é muito mais um sintoma das forças produtivas seculares, históricas, que expulsam gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo, conferindo, ao mesmo tempo, uma nova beleza ao que está desaparecendo” (BENJAMIN, 2012a, p. 217).

tradição. Como exemplo, na literatura de língua portuguesa, *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto (poema com pouco mais de meio século de publicação¹⁰). Não obstante, diversas resistências enquanto experiências ainda surgem da tradição oral, a exemplo o fenômeno da poesia Slam¹¹. Tais expressões poéticas também são imbuídas das experiências de populações marginalizadas, cujas temáticas vão de encontro às resistências destas mesmas populações, à reivindicação para si de espaço de fala, de preservação de suas vivências. Tornam-se as vozes a evidenciar com maior vigor as contradições de um sistema que propaga novas formas de exclusão. Nas palavras de Renata Dornelles, doutoranda em literatura hispano-americana, a possível síntese de tal fenômeno em relação ao feminismo: “É o empoderamento coletivo das mulheres que se reconhecem nos versos que sussurram aconchego e força em nossos ouvidos através de vozes que ocupam territórios e páginas e já não podem ser silenciadas”¹². Que o capitalismo destituirá quaisquer resquícios da sabedoria e da experiência é um fato notório, resta identificar quais se reinventam como forma de resistência. Um contraponto que se faz à narrativa é a informação, e na primeira encontra-se o miraculoso, esta depende de um discurso plausível. Logo, à primeira, não se atribui perspectiva psicológica, deixando a mesma a cargo da interpretação do leitor ou ouvinte, dependendo do meio de veiculação, o qual preenche o que fora narrado com seu imaginário cerceado pela própria narrativa. Já a segunda, cuja estrutura visa relatar os fatos e não ponderar acerca destes, destitui-se de qualquer saber circunscrito sobre o fato descrito e se direciona a um público cujo mote principal se distancia de

¹⁰ A primeira publicação ocorreu em 1955.

¹¹ Cujas principais expressões correspondem à declamação dos poemas e batalhas de improviso oral. Estas formas de expressões poéticas ganham espaço na escrita, em publicações que vão desde um Zine, pequena revista cuja produção é realizada pelos próprios poetas e comercializadas pelos mesmos, às publicações em livros por diversas editoras que prospectam lucro na venda da obra de tais poetas, ainda sim é através da expressão oral que se difunde em maior escala este gênero literário.

¹² (EMPODERAMENTO FEMININO, 2019, p. 7).



quaisquer aspectos que não sejam apenas a superfície do ocorrido. Não é de se espantar que na contemporaneidade qualquer acaso seja conteúdo midiático mais reiterado que um problema de estrutura social (como exemplo um acidente no trânsito em comparação a questão da mobilidade, ou um homicídio em comparação a um debate sobre a violência). A informação ganha um papel de destaque cuja veracidade dos fatos informados demanda aprofundamento sobre a mesma; pois parecer plausível se distancia, enquanto objetivo do conteúdo, de qualquer verificação dos fatos narrados.

Por hora, tal processo se encontra em constante aceleração, onde uma notícia sofre descrédito em uma velocidade superior à capacidade de se contemplar a multiplicidade de informações. A veiculação de notícias falsas não é uma invenção contemporânea, sua gênese enquanto amplo projeto remonta as propagandas nazistas da segunda guerra mundial, ou como aponta Noam Chomsky em *Mídia: propaganda política e manipulação*, remonta à eleição de Woodrow Wilson à presidência dos Estados Unidos em 1916¹³. Seguindo a perspectiva de Eric Hobsbawm, pode-se considerar a ocorrência de apenas uma única grande guerra, a qual perdurou de 1914 até 1945. De qualquer forma, no início do século XX surge a figura dos correspondentes de guerra¹⁴, destinados a relatar informações, bem como descrever suas aventuras em livros e reportagens. Tal circunstância, contemporânea a Walter Benjamin, retrata como a falta da possibilidade de experiência, oriunda neste exemplo da realidade bélica, dá lugar à informação. Não que a comunicação por parte do Estado tenha surgido na guerra em questão, mas que na mesma houve um aprimoramento da técnica pela qual diferentes Estados conduzem a opinião da população. Para além do

¹³ Os primórdios da história da propaganda política (CHOMSKY, 2013, p. 11).

¹⁴ “Esses conflitos exóticos eram material para livros de aventura ou reportagens dos correspondentes de guerra (essa inovação de meados do século XX)” (HOBSBAWN, 2012, p. 31).

capitalismo enquanto realidade antagônica à possibilidade de experiência, a guerra de trincheiras também cumpre tal função tendo em vista que a ocorrência de experiências não se elevou da primeira guerra mundial (ou princípio da grande guerra) à contemporaneidade, logo evidencia-se a hipótese da expansão da guerra de trincheiras (em um novo léxico, agora metafórico). Sendo a tecnologia a causa da impessoalidade nas relações sociais, logo a guerra deixa de possuir, enquanto imagem, o combate corpo-a-corpo. Contudo, a guerra em expansão proposta, foi pulverizada a quase todas as dimensões possíveis do convívio social. A vitória aos soldados da linha de frente desta guerra ocorre em não perecer a cada batalha, ou seja, se pauta na sobrevivência. As formas de sobreviver (estratégia bélica) se dão pela remuneração em troca da única fonte de energia não renovável comum a qualquer indivíduo: o tempo. Neste novo modo de guerra as vitórias em batalhas tendem a ser unilaterais e intransferíveis. Em tal guerra, extremamente plural e globalizada, toda vitória alcançada não é nada além de uma virtualidade, pois nenhuma batalha vencida (como exceção de uma casualidade de escala lotérica) libertará o indivíduo da trincheira cavada nas necessidades vitais, as quais demandarão constantemente novas parcelas de tempos vindouros. Ao futuro de cada sobrevivente projetam-se as despesas da manutenção de tal sobrevivência. Tal comparação entre a guerra de trincheiras e a sobrevivência dos indivíduos na expansão tecnológica do capitalismo demanda um esclarecimento; as trincheiras para a sobrevivência são cavadas em isolamento, tornando-se alheias à sobrevivência dos demais indivíduos, é trincheira com aspecto de cova. Tal jogo metafórico corrobora o que fora anunciado por Benjamin como miséria de experiência coletiva¹⁵.

A atualidade pela qual é possível interpretação através dos escritos de Walter Benjamin não é oriunda da proximidade histórica do filósofo ao nosso



¹⁵ Ou, nas palavras do filósofo: “...da humanidade em geral” (BENJAMIN, 2021b, p. 126).

tempo, ocorre primeiramente devido sua extrema habilidade em identificar questões que atravessam a humanidade; em segundo lugar, devido à sua leitura do conceito de história, cujo conhecimento se trata da apropriação de uma recordação, na qual a tradição tende a perpetuar o discurso dos vencedores, e não dos vencidos: “O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que tampouco os mortos estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer”¹⁶.

CONCLUSÃO

A análise de algum aspecto da produção escrita do filósofo convoca a necessidade de leitura de seus outros escritos. Contudo, não se trata de uma integração pelo simples encadeamento de ideias; tal integração aparenta anteceder à produção do filósofo como exercício do pensamento e se fragmenta apenas na necessidade pragmática da conclusão de seus escritos. Tal feito não é o único aspecto a destacar o filósofo como um escritor ímpar, mas sim a capacidade que sua obra possui em dar conta de diversos aspectos da contemporaneidade. A característica de conjugar diversas temáticas, assim como na obra de Benjamin, se manifesta em um dos aspectos tratados na análise: a poesia Slam. Tal fenômeno poético representa um retorno à oralidade, a qual evoca urgência. O Slam expressa diversos aspectos de segregação, como uma poesia de resistência, a retomada de um lugar de voz das populações urbanas marginalizadas. Os temas são variados e reiterados, pois uma urgência na vida de tais poetas se manifesta: a sobrevivência nas trincheiras modernas da guerra do capital. Não há decassílabo que perdure à estrofe, muitas vezes nem a rima perdura. É a urgência da mensagem que tudo se dilata: a forma subjuaga-se ao conteúdo. Mais que uma bela

¹⁶ (BENJAMIN, 2012c, p. 244).

composição o conteúdo (que pode dispor de mil recursos da linguagem, ou nenhum) é pungente e afiado, assim como a falta de garantias quanto ao futuro, o que resulta na forma de expressão: e tais poetas, por via de regra, não costumam viver pelas garantias. Claro que, mesmo dentre tal fenômeno da exclusão encontram-se pessoas que acessam a erudição, algo demarcado também em seus versos. Contudo, mesmo munidos de tal aparato técnico, a urgência da mensagem não se altera. Considerando o número de vezes em que a vida de um poeta do Slam é atravessada pela violência, seja ela aplicada ou não pelo Estado, está exposta a razão pela qual a urgência do conteúdo é central ao exercício da palavra.

A resistência da poesia Slam é o potencial de uma revolução estética da oralidade, a qual não se desprende de seu conteúdo que impulsiona outras diretrizes da própria resistência. É justamente tal movimento simultâneo entre estética e sociedade que se destaca nos escritos de Walter Benjamin. O que pulsa na poesia do Slam é um cotidiano em resistência. Trata-se de novas narradores, cujas experiências e estéticas se entrelaçam por meio da oralidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. “O narrador”. In: _____. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo, Editora Brasiliense LTDA., 2012a.

_____. “Sobre o conceito de história” In: _____. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo, Editora Brasiliense LTDA., 2012b.

_____. “Experiência e pobreza”. In: _____. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo, Editora Brasiliense LTDA., 2012c.



CHOMSKY, Noam. *Os primórdios da história da propaganda política*. In: _____. **Mídia, propaganda política e manipulação**. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes Ltda., 2013.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e castigo**. São Paulo, Editora 34 Ltda, 2008.

HOBBSAWN, Eric. *A Era da Guerra Total*. In: _____. **Era dos Extremos**. São Paulo, Editora Schwarcz S.A., 2012.

EMPODERAMENTO FEMININO. In: **Coleção Slam**. São Paulo. Autonomia Literária, 2019.